

## **Conducción de la formación y del trabajo docente en el currículum con género en Ciencias Biológicas (P246)**

### **A condução da formação e do trabalho docente no currículo com gênero em Ciências Biológicas**

#### **Teacher education and performance about gender in the curriculum in Biology Science Education**

Magno Clery da Palma-Santos<sup>1</sup>  
Mateus Meira Ferraz<sup>2</sup>

#### **Resumen**

En el trayecto formativo y en el trabajo de maestros y maestras, el aparato pedagógico de formación ha utilizado diferentes procedimientos para conducir y controlar aspectos relacionados con género. Esta pesquisa presenta como objetivo analizar las estrategias emprendidas para conducir la temática de género en el currículo de la formación y trabajo docente. En esta investigación, se empleó la entrevista semiestructurada con una maestra de Biología en una escuela pública de la ciudad de Vitória da Conquista - BA. Los datos fueron transcritos, resaltados y discutidos con los objetivos y fundamentación teórica. Se destacaron estrategias como la limitación de las temáticas a trabajar, la naturalización de roles de género para niños y niñas, el silenciamiento y menester de ahondar la referida temática. Así, se produjo la estudiante limitada, silenciada en la educación básica y en el pregrado; la maestra atenta e insegura para enseñar sobre género.

**Palabras claves:** gobierno, enseñanza, aparato, género, Biología.

#### **Resumo**

Na caminhada formativa e no trabalho de professores/as diferentes procedimentos têm sido utilizados pelo dispositivo pedagógico de formação para a conduta e o controle de aspectos relacionados a gênero. Este trabalho tem como objetivo analisar as estratégias empreendidas para conduzir a temática gênero no currículo da formação e do trabalho docente. Nesta pesquisa, foi utilizada a entrevista semiestructurada direcionada à professora de Biologia em uma escola pública de Vitória da Conquista - BA. Os dados foram transcritos, destacados e discutidos com os objetivos e a fundamentação teórica. As estratégias evidenciadas foram a limitação dos temas a serem trabalhados, a naturalização de padrões para meninos e meninas, o silenciamiento e a necessidade de aprofundamento sobre a referida temática. Com isso, foi produzida a discente limitada, calada na educação básica e na graduação; a docente atenta e insegura para trabalhar com gênero.

**Palavras-chave:** governo, ensino, dispositivo, gênero, Biologia.

<sup>1</sup> Docente na Universidade Estadual do Sudoestes da Bahia (UESB); Doutor pela Faculdade de Educação, UFBA [msantos@uesb.edu.br](mailto:msantos@uesb.edu.br)

<sup>2</sup> Graduando em Licenciatura em Ciências Biológicas na UESB. [mateusmferraz22@gmail.com](mailto:mateusmferraz22@gmail.com)



### Abstract

In teachers education journey and their work, different procedures have been used by the pedagogical apparatus of teacher education to conduct and control some aspects related to gender. This study aims to analyze the strategies undertaken to conduct gender in the curriculum of teachers education and their work. In this research, a semi-structured interview was done with a female Biology teacher in a public school from Vitória da Conquista city - BA. The data were transcribed, highlighted, and debated along with the objectives and theoretical framework. The strategies noticed were about the limitations of themes, naturalization of gender patterns, silencing, and the necessity to go deep on this theme. As a result, we have the limited, silenced female student in basic education and undergraduate; the mindful and insecure female teacher to teach about gender.

**Key words:** govern, teaching, apparatus, gender, Biology.

### Introdução

Este texto tem como objeto de estudo as estratégias no currículo da formação para a condução de docentes com os temas gênero na formação e atuação profissional docente. A perspectiva de conduta está relacionada com o conceito de "governo" para além do sentido político, é controlar, vigiar e fazer alguém seguir um caminho (Foucault, 2008). Para isso, são colocadas em movimento algumas táticas por dispositivos pedagógicos, como o padrão heteronormativo e a interdição do que se pode fazer e falar nos espaços educativos. Outro elemento é a segregação constituída pelo binarismo, frequentemente, encontrada na sociedade e cria protocolos, como postos a serem ocupados por homens e por mulheres, atividades específicas às mulheres e aos homens (Araújo et al., 2006).

Desde o início do século XX, os currículos praticados nas instituições são influenciados por essas estratégias, "em função da concepção de que a docência, o ato de educar, era atividade feminina, especialmente por envolver o cuidado aos outros" (Araújo et al., 2006). A "caracterização da divisão do trabalho se configurou, ou seja, houve separação, hierarquização e polarização do trabalho" (Caetano & Neves, 2009, p. 252), destinando, entre outros fatores, a esfera produtiva ao homem e reprodutiva, a mulher. Tipo de discussão cerceada por questões de gênero e que provoca diferenças nas práticas econômica e política, refletindo em desigualdades sociais e trabalhistas.

Com esse viés, o currículo atende a modelos que silenciam atividades relacionadas a gênero. Para Montagnoli e Vizotto (2021, p. 298), "a perseguição aos estudos de gênero promoveram o silenciamento dos estudos sobre diversidade na formação docente". Processo que promove o retrocesso na constituição de profissionais destinados ao magistério e atende aos grupos estratégicos e voltados para o pensamento neoconservador moralístico na educação. Até mesmo, pode levar ao apagamento de temáticas importantes para a diversificação do pensamento acerca da temática gênero na caminhada formativa e no trabalho docente.

Nesse sentido, questionamos como as estratégias direcionadas à temática gênero provocam efeitos no currículo da formação e no trabalho docente? O objetivo do trabalho é analisar as estratégias empreendidas para conduzir a temática gênero no currículo da formação e do trabalho docente.



### Referencial teórico

Entendemos o currículo como uma prática social, uma linguagem, enredado por diferentes discursos que visam criar verdades acerca de gênero, na visão heteronormativa (Brício, 2008). Socializada desde o século XV, carrega as diferenças biológicas/corporais e que categorizou o que deveria ser para a mulher e para o homem. Com isso, surgiram questionamentos e lutas que ampliaram o conceito como uma construção social e não uma relação pré-determinada (Silveira, 2008). São “processos por meio dos quais nos tornamos homens e mulheres em meio a relações de poder” (Paraíso, 2018, p. 25) e, nessas relações, encontramos a representatividade do gênero a um sexo e a uma sexualidade.

O currículo é um “território para hospedar as diferenças, afirmar a vida e multiplicar os encontros que nos fazem desejar e expandir” (Paraíso, 2018, p. 25). No entanto, existem normas instituídas e divulgadas, inclusive no currículo escolar, as quais promovem desigualdades, hierarquias, dificultando a vida de muitas pessoas (Paraíso, 2018). Ao trabalhar “com currículo, gênero e sexualidade é necessário ter em conta, portanto, que muitas vidas têm dificuldades de serem vividas em diferentes espaços” (Paraíso, 2018, p. 25).

Nesse sentido, a formação atua como um dispositivo pedagógico que tenta conduzir a atuação do/a discente e do/a profissional nas questões de gênero em uma perspectiva conservadora. O dispositivo relaciona-se com o que a pessoa deva ser, funciona como uma maquinaria prodigiosa destinada a conduzir sujeitos, capturá-los e moldá-los. Visa dispor algo em determinados processos, atualizar/reinterpretar práticas, uma máquina produtora de sujeitos, um tipo de formação que em determinado momento histórico busca responder a uma urgência (Foucault, 2015). Como exemplo, têm-se a redução das discussões sobre as questões de gênero na formação e o reflexo no despreparo para o trabalho e o enfrentamento dessas questões (Heerdt et al., 2018). O funcionamento do dispositivo supostamente seleciona qual profissional deve ser acionado, o que deve ser dito e como trabalhar com gênero.

### Metodologia

Para a produção dos dados iniciamos com a entrevista, compreendida como um momento de escuta atravessada pela sensibilidade (Souza, 2007), de modo narrativo, atravessado por diferentes vozes, representações, imagens e a circulação de expectativas (Silveira, 2002). Foi desenvolvida via *Google Meet*, no dia 26 de maio de 2022, com uma professora da rede pública estadual em Vitória da Conquista, Bahia, momento em que informamos e seguimos os procedimentos éticos para pesquisas com seres humanos. Os dados foram analisados seguindo os passos informados por Gancho (2006): transcrever as entrevistas, sublinhar e destacar os fatos mais evidentes e discutir com base nos objetivos e a fundamentação teórica. Tais fatos demonstram as estratégias relacionadas com as formas de governo no que se refere à temática gênero na caminhada formativa e profissional da docente.

### Resultados e discussão

A professora relatou não haver espaço para a discussão de aspectos referentes a gênero durante o seu período de educação básica. Apontou, que “as coisas eram muito limitadas e os padrões extremamente estabelecidos” (Professora, entrevista 2022). Duas estratégias, no



dispositivo de formação, surgem na caminhada da docente, a limitação dos temas a serem trabalhados e a naturalização de padrões para meninos e meninas.

A gente era reclamada por alguma coisa, digo 'a gente' eu e minhas amigas. 'Isso não é uma postura de menina, não se espera isso de uma menina'. Era nesse sentido que as questões de gênero apareciam, para impor limites. (Professora, entrevista, 2022).

O trecho narrativo demonstra como o dispositivo demanda pela discente limitada de discussões, com a instituição conduzindo o comportamento de meninos e meninas em sala de aula, reforçando as determinações impostas pela cultura e sociedade. A escola se encontra inserida e reitera a naturalização de tais padrões a partir da repetição de seus discursos normalistas. A docente cita, inclusive, a presença, em sua turma de educação básica, de um colega que vivia esses limites, gerando comentários, como "ah, fulano não parece ter a postura de um homem de fato" (Professora, entrevista 2022). São evidências da existência de um modelo central que, através das normas de gênero, designava o que deve ou não ser praticado, como se portar, falar, caminhar e se vestir.

Esse padrão tido como referência de comportamento dependia da existência desses corpos "estranhos", fora da norma, para se consolidar e se mostrar válido, visto que "diante delas [identidades alternativas] e em contraposição a elas a identidade hegemônica se declara e se sustenta" (Louro, 2000, p. 21). Embora "os elementos das relações de gênero estejam presentes nas salas de aula, em diferentes momentos e de diferentes formas" (Soares & Monteiro, 2019, p. 30), as estratégias do dispositivo funcionaram muito bem para limitar a discussão e naturalizar padrões nas questões de gênero. São estratégias que tornam a vida difícil nos espaços escolares e seus currículos (Paraíso, 2018).

No período da Licenciatura em Ciências Biológicas, o silenciamento foi a evidência, período em que a temática gênero não foi abordada. "Quando houve algum projeto, a discussão ocorreu sobre a sexualidade naquela visão biológica. Não houve espaço para a discussão, digamos assim, de papéis de gênero, de ir além da formação mesmo do indivíduo". (Professora, entrevista 2022).

O silenciamento na graduação promoveu o distanciamento entre as temáticas sexualidade e gênero, conferiu à sexualidade um caráter meramente orgânico o que, como aponta Scott (1995), não correlaciona as suas interfaces com o gênero. São concepções intimamente relacionadas e não podem ser pensadas distintivamente (Louro, 1997), ou considerar apenas a dimensão biológica do homem (Pepê & Duarte, 2003). Se não existem reflexões amplas no dispositivo formativo, há uma tentativa estratégica de silenciar a discussão e evidenciar o discurso antigênero, atualizado na graduação, consolidando iniciativas baseadas no controle dos corpos e vigilância dos sujeitos (Oliveira et al., 2022).

O dispositivo da formação demandou pela discente calada, um currículo praticado sob a ótica do embargo à criatividade e à liberdade (Oliveira et al., 2022) desse sujeitodiscente, com possíveis reflexos na atuação como sujeitoprofessora, fato evidenciando no relato a seguir.



Enquanto educadora, no oitavo ano, a gente estava trabalhando o sistema reprodutor masculino e o feminino, ou então, quando chegava lá no primeiro ano, quando a gente estava trabalhando 'Cromossomos XX e XY', nunca me passou a necessidade de debater condições que fugissem aos padrões. (Professora, entrevista 2022).

Em sua caminhada formativa, a professora foi demandada pela interdição sobre gênero, a ponto de não perceber os momentos em que poderia ampliar a discussão. Nesse contexto, o dispositivo tenta capturar a docente pela necessidade de aprofundamento a respeito das questões que ampliam a discussão de gênero, sendo o momento que a fez despertar para a temática, conforme narrativa que se segue.

Eu acabei fazendo o mestrado e tentei discutir essa temática, eu falo que eu tentei, porque eu não me sinto tão segura para lidar com todas essas questões. Antes do meu mestrado, eu não conduziria a essas questões, foi pós-experiência de pesquisa que tudo começou (Professora, entrevista 2022).

Ainda que em seu trabalho ocorram momentos propícios à discussão e no mestrado possa se especializar sobre a temática, o dispositivo a faz atenta e insegura. São estratégias complementares ao silenciamento da discussão da temática em todo o percurso discente da professora e mostra-se eficiente na condução pela normatização sobre gênero. A necessidade dessas discussões é destacada por Santos e Souza (2015), quando evidenciam que abordar a temática, no período da formação, desestabiliza a busca pela padronização e incentiva a reflexão sobre padrões homofóbicos e discriminatórios.

A professora não deseja "botar ninguém em caixa, mas de abrir um olhar, mas, assim, às vezes ainda me sinto realmente insegura de lidar com isso" (Professora, entrevista 2022). Com a ausência das reflexões sobre gênero, a insegurança pode ser um limitador no trabalho docente, ainda que o sujeito tenha uma perspectiva diferente de trabalho. Para Santos e Souza (2015, p. 212), "as relações construídas pela escola referentes às questões de corpo, gênero e sexualidade têm interferido nos modos de as/os professoras/es olharem e produzirem suas práticas educativas. Muitas/os delas/deles têm inseguranças e dificuldades em assumir essas discussões no trabalho".

### **Conclusões**

Este trabalho evidenciou as estratégias de condução discente e docente referentes a gênero no currículo, com a atualização do dispositivo pedagógico da formação. As estratégias de governo, implementadas pelo referido dispositivo, foram a limitação dos temas e a naturalização de padrões na educação básica, e o silenciamento no período da graduação. Uma tecnologia que não contribuiu para a discussão no espaço de trabalho, até o momento em que a pós-graduação constitui a docente pelo despertar para as questões de gênero. A ação do dispositivo produziu a discente limitada, calada, atenta e insegura para as reflexões com gênero na formação e atuação docente.

### **Referências**

Araújo, T. M.; Godinho, T. M.; Reis, E. J. F. B.; Almeida, M. M. G. (2006). Diferenciais de gênero no trabalho docente e repercussões sobre a saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 11, 1117-1129. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232006000400032>.



Brício, V. N. (2008). A construção de gênero e sexualidade no currículo: uma investigação sob o enfoque pós-estruturalista [Resumo]. In Seminário Internacional Fazendo Gênero 8: Corpo, Violência e Poder (pp. 1-6). Florianópolis, Brasil.

Caetano, E.; Neves, C. E. P. (2012). Relações de gênero e precarização do trabalho docente. *Revista HISTEDBR On-Line*, 9(33e), 251-263. <https://doi.org/10.20396/rho.v9i33e.8639539>.

Foucault, M. (2008). *Segurança, território, população*. Martins Fontes.

Foucault, M. (2015). *Microfísica do poder* (3ª ed.). Paz e Terra.

Gancho, C. V. (2006). *Como analisar narrativas* (9ª ed.). Ática.

Heerdt, B.; Santos, A. P. O.; Bruel, A. C. B. O.; Ferreira, F. M.; Anjos, M. A. C.; Swiech, M. J.; Banckes, T. (2018). Gênero no ensino de Ciências publicações em periódicos no Brasil: o estado do conhecimento. *ReBECCEM*, 2(2), 217-241. <https://doi.org/10.33238/ReBECCEM.2018.v.2.n.2.20020>

Louro, G. L. (1997). *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista* (6ª ed.). Vozes.

Montagnoli, R. L.; Vizzotto, L. (2021). (Não) vamos falar sobre diversidade: o silenciamento na formação de docentes no século XXI. *Communitas*, 5(9), 297-311. <https://periodicos.ufac.br/index.php/COMMUNITAS/article/view/4674/139>

Oliveira, D. A.; Ferrari, A.; Mathias, É. K. (2022). Onde querem medo, fazer-se bruta-flor: criações de possíveis no território curricular com gênero e sexualidade em tempos que amedrontam. *Currículo sem Fronteiras*, 22(e1801), 1-29. <http://dx.doi.org/10.35786/1645-1384.v22.1801>

Paraíso, M. (2018). Fazer do caos uma estrela dançarina no currículo: invenção político com gênero e sexualidade em tempos do slogan "ideologia de gênero". Em M. Paraíso (Ed.) & M. C. S. Caldeira (Ed.), *Pesquisa sobre currículos, gêneros e sexualidades* (pp. 23-52). Mazza Edições.

Pepê, A. M.; Duarte, J. B. (2003). Educação sexual, orientação sexual ou educação para a sexualidade? Uma decisão e uma posição a serem tomadas pela escola. Em P. M. M. Teixeira (Ed.), *Temas emergentes em educação científica* (pp. 127-134). Edições UESB.

Scott, J. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, 20(2), 71-99. <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>.

Silveira, R. M. G. (2008). Diversidade de gênero – mulheres. Em M. N. T. Zenaide (Ed.), R. M. G. Silveira (Ed.) & A. A. Dias (Ed.), *Direitos humanos: capacitação de educadores: fundamentos culturais e educacionais da educação em direitos humanos* (1ª ed., Vol. 2, pp. 41-55), Editora da UFPB.



Soares, Z. P.; Monteiro, S. S. (2019). Formação de professores/as em gênero e sexualidade: possibilidades e desafios. *Educar em Revista*, 35(73), 287-305. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.61432>.

Souza, E. C. (2007). (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. Em A. D. Nascimento (Ed.) & T. M. Hetkowski (Ed.), *Memória e formação de professores* (137-156). EDUFBA.

Triviños, A.N.S. (2015). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. Atlas.

